

# A hora de uma reforma financeira internacional

O perigo imediato de uma falta de pagamentos por parte dos principais países da América Latina evidentemente está diminuindo. Um colapso do sistema internacional pôde ser evitado por enquanto. Mas evitar que o desastre aconteça já significa apenas ganhar tempo. Nós precisamos levar em consideração as lições a longo prazo da crise e garantir que ela não torça a acontecer outra vez.

O atual sistema é uma armadilha. É uma armadilha para os países devedores, agora pressionados em direção à austeridade pelos bancos particulares e pelas agências financeiras internacionais. É uma armadilha para o Tesouro dos Estados Unidos, para a Reserva Federal e para o Fundo Monetário Internacional, que agora foram forçados a assumir novos papéis de determinadores de políticas nacionais a serem seguidas pelos principais países devedores e pelos maiores banqueiros do mundo. E também — mas não menos importante — é uma armadilha para os bancos particulares que se vêem envolvidos demais na América Latina — e que sofrem pressões por parte do FMI para aumentar ainda mais o seu envolvimento. O sistema deve ser reformado.

As medidas que atualmente estão sendo consideradas são necessárias mas não suficientes. Os recursos do Fundo Monetário Internacional devem ser aumentados, é claro. Uma idéia bastante popular há um ano era de que os países de renda média deveriam ser atendidos pelo sistema bancário privado, e que o FMI deve-

ria concentrar-se nas necessidades dos países mais pobres. Não mais do que isto. O FMI assumiu a principal responsabilidade pelos programas de ajustamento de todos os principais países devedores, comprometendo os seus próprios recursos e pressionando os bancos privados a comprometerem os seus. Certamente, é necessário que ele aumente seus recursos disponíveis. Mas isto é apenas o princípio. Recursos maiores significarão que as responsabilidades do FMI também serão bem maiores.

Era uma coisa para o Fundo anteriormente quando os problemas de pagamento apareciam isoladamente, insistir em restrições da demanda doméstica e na expansão das exportações em um ou dois pequenos países em desenvolvimento. O sistema econômico mundial podia, por exemplo, absorver uma retração econômica no Zaire ou em Bangladesh. Mas exigir adaptações tão radicais por parte de muitos dos grandes países em desenvolvimento é uma coisa completamente diferente. Quanto maior for o número de países a adotar medidas de austeridade no mesmo momento, diminuindo suas importações e forçando suas exportações, tanto mais difícil será o progresso da economia mundial. Uma diminuição tão ampla na demanda geral forçosamente terá intensos efeitos. Consequentemente, as responsabilidades do Fundo devem ser compensadas por cuidadosos esforços para evitar contribuir para um declínio generalizado dos negócios ou para um colapso mundial.

A recente diminuição nas taxas norte-americanas de juros também é algo encorajador. Mas uma grande porção de danos financeiros já foi provocada e é irreal esperar que os mercados particulares ou os bancos comerciais, abandonados aos seus próprios meios, sejam capazes de consertar novamente as coisas.

O sistema financeiro internacional continua frágil demais para poder lidar com uma nova crise. Os líderes mundiais precisam reconsiderar a maneira como funciona a economia global.

Donald T. Regan, secretário do Tesouro norte-americano, sugeriu recentemente que uma nova conferência de Bretton Woods poderia ser realizada. Ele está certo e esta nova conferência deveria abordar três problemas inter-relacionados:

Em primeiro lugar, o atual equilíbrio entre o sistema bancário internacional privado e as instituições públicas é insatisfatório. A crise da dívida latino-americana originou-se, parcialmente, porque os bancos particulares agiram depressa demais — e depois, com uma lentidão excessiva — ao concederem créditos. E, de alguma forma, o ritmo dos empréstimos dos bancos privados aos países soberanos deveria ser harmonizado de forma mais eficiente com os interesses a longo prazo do sistema financeiro — fortalecendo-se a tradição de co-financiamento e de colaboração entre o Fundo e os bancos privados, ou então introduzindo-se o FMI como intermediário formal no mercado de eurodólares para assegurar um fluxo

mais adequado de recursos ou ainda transferindo-se uma parte dos inventários em empréstimos dos bancos privados para uma agência pública. (Este ponto é duplamente importante em relação aos empréstimos Leste-Oeste.)

Em segundo lugar, não é suficiente elaborar medidas de emergência para resolver cada crise de pagamentos em separado. Nós necessitamos de um mecanismo para determinar como distribuir a austeridade — que países deveriam desaquecer suas economias, como e até que ponto; que países devem apresentar superávits. Como, resumindo, deveria ser compartilhado o processo da adaptação mundial?

Em terceiro lugar, nós precisamos reconsiderar o papel das taxas de câmbio. O caráter volátil das principais divisas no decorrer dos últimos anos e a tendência do dólar de ficar elevado em relação às demais moedas têm tido efeitos que distorcem a economia mundial e as esperanças dos países devedores em conseguir resolver suas dificuldades. As taxas de câmbio devem ser ajustadas de maneira a refletir seus verdadeiros relacionamentos comerciais — e não taxas diferenciadas de juros.

A recente crise de pagamentos na América Latina deixou claro a todos que estão dispostos a aprender a partir da experiência que as economias não são sistemas separados e isolados. Os líderes mundiais precisam reconhecer a nossa interdependência financeira e tirar proveito disso.